

O canto das fontes
Hélade e Roma

Luzes e afetos de uma vida
Volume II

Walter de Medeiros



AUTOR

Walter de Medeiros

TÍTULO

O canto das fontes: Hélade e Roma. Luzes e afetos de uma vida. Volume II

EDITOR

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

EDIÇÃO:

1ª/ 2012

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO

Maria do Céu Fialho

CONSELHO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira, Maria de Fátima Silva, Francisco de Oliveira e Nair Castro Soares

DIRETOR TÉCNICO DA COLEÇÃO:

Delfim F. Leão

CONCEÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO:

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

IMPRESSÃO:

SIMÕES & LINHARES, LDA. AV. FERNANDO NAMORA, N.º 83 LOJA 4. 3000 COIMBRA

ISBN: 978-989-721-029-7

ISBN DIGITAL: 978-989-721-030-3

DEPÓSITO LEGAL: 353375/13

©CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,

© CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classicadigitalia.uc.pt>)



Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição eletrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excecionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a lecionação ou extensão cultural por via de e-learning.

SUMÁRIO

O BOM CANTOR E AS SUAS FALÁCIAS. A HISTÓRIAS DA MATRONA DE ÉFESO	9
DO DESENCANTO À ALEGRIA: O <i>SATYRICON</i> DE PETRÓNIO E O <i>SATYRICON</i> DE FELLINI	21
RETÓRICA DO NAUFRÁGIO E DA MORTE NO ROMANCE DE PETRÓNIO	27
O <i>SATYRICON</i> DE PETRÓNIO. UMA VELA NO MAR DA MUDANÇA	35
UMA RÉSTIA DE OURO SOBRE O POÇO. RELEITURA PROBLEMÁTICA DO ANTI-HERÓI DO <i>SATYRICON</i>	41
EM DEMANDA DE UMA ROSA. CRÓNICA DE UMA REDENÇÃO ANUNCIADA	51
O MANTO NEGRO DA LUZ. A AMBIVALÊNCIA DAS CORES NO ROMANCE DE APULEIO	63
«VENCESTE, Ó GALILEU!» MEMÓRIA DO ÚLTIMO IMPERADOR PAGÃO	77
OS OMBROS DO CIRENEU. VERBO E ESTRATÉGIA NO LANCE DE IPERUÍ	83
ESCREVER NA AREIA. AS TENTAÇÕES DO SANTO E O PELOTE DO MOLEIRO	91
BÍLTRIS & CINDAPSOS. DOIS HÁPAX HELÉNICOS EM UM PASSO OSCURO DE FILINTO ELÍCIO	97
PRESENÇA DE VIRGÍLIO NA POESIA PORTUGUESA DO NOSSO TEMPO	111
A RESSURREIÇÃO DOS FAUNOS E O PÔR-DO-SOL EM AQUILINO	129
MEMÓRIA DE VERGÍLIO FERREIRA	135
A LANÇA CONTRA O CÉU: MORTE E VIDA NA <i>FEDRA</i> DANNUNZIANA	139
A ÁGUA E O FOGO. UMA REVIVÊNICA DE <i>A CIDADE MORTA</i>	153

CAROS COLOQUIALISTAS,

Caros Colegas e Amigos:

Superlativo bíblico: audácia das audácias é encerrar este sisudo Colóquio com uma história libertina de Petrónio. Petrónio, o clássico de pior fama das letras romanas; Petrónio, o autor do *Satyricon*, equívoco na matéria, equívoco no título, que até pode significar Os livros da lascívia; Petrónio, o impudico responsável por um impudico romance que pudicamente costuma ser saneado dos programas da escola secundária.

Mas dos saneados e dos impudicos também reza a história; e os equívocos, até de vírgulas, estão na ordem do dia. Ora o *Satyricon* é um equívoco dos críticos, já que, sob a capa do romance cómico ou picaresco, se esconde uma visão amarga, muitas vezes trágica, da vida humana, onde tudo é naufrágio, e os anti-heróis caminham de ratoeira em ratoeira, perdidos em um labirinto, de onde sairão, talvez, purgados pela aventura, decantados pela provação, quando atingirem o porto do conhecimento.

E a matrona de Éfeso?... Ah, tranquilizem-se, tranquilizem-se. A matrona de Éfeso — que Paratore considera o texto mais petroniano de Petrónio — é uma história milésia, portanto irreverente e amoral, contada mais para divertir do que para ensinar. Mas A matrona de Éfeso — como a definiu Bakhtin — representa também um “complexo folclórico”, onde todos os motivos fundamentais do género (comida, bebida, sexo e morte) estão unificados em um entrecho conciso, irónico e tolerante. A vida é tão curta... Vale a pena vivê-la, ainda que seja à custa da morte.

Última anotação, importante para os amadores do belo sexo: a matrona desta história não era matronal, isto é, não era bovina. Quando muito nos olhos, como a Juno homérica. Que olhos que teria a matrona de Éfeso!... Duas labaredas que abrasavam o hipogeu onde amou o seu soldado. Não, decididamente a matrona de Éfeso era uma gazela, uma gazela flexuosa, de estrela e beta e pé calçado - como diria mestre Aquilino, que de mulheres e de gazelas sabia menos que Petrónio e Bom Cantor.

O BOM CANTOR E AS SUAS FALÁCIAS A HISTÓRIA DA MATRONA DE ÉFESO¹

O Bom Cantor, quando nasceu, já era velho. Tinha a fronte encanecida, o rosto atormentado, o ar de quem promete grandes coisas.²

O Bom Cantor, afinal, que prometia? A eloquência, a virtude, o dom das Musas.

O Bom Cantor tinha a palavra fácil, o ímpeto galhardo do orador: mas lá persuadir... umas vezes persuadia e outras não.³ O Bom Cantor dizia-se pedagogo, dizia-se moralista: mas era um Sócrates matreiro que antes seduzia que guiava os Alcibíades propostos à sua formação.⁴ O Bom Cantor tinha o frenesi heróico dos poetas: mas só as pedras aplaudiam a sua inspiração — as pedras que a assistência lhe atirava, em ele começando a recitar.⁵

Promessas desta sorte são falácias. Mas de falácias vivia o Bom Cantor. Cínico e petulante, hedonista e vagamundo, o Bom Cantor vestia andrajos (“génio e pobreza” — costumava explicar — “nasceram gémeos”⁶) e o seu vogar era ao sabor das ondas. “Sempre vivi, em toda a parte, a consumir cada dia como se fora o último e não tornasse mais a regressar.”⁷

Por isso o Bom Cantor parecia, às vezes, menos velho do que o pintavam as rugas e as cãs. É que o Bom Cantor era mediterrânico: e nunca são velhos, realmente, os que nasceram à beira do mar Interior. O Bom Cantor, para mais, era filhote de uma galeria: de uma galeria de pintura, claro está, toda animada de quadros sensuais, que narravam histórias de amor e de guerra, soldados em escalada, coleantes efebos, deuses infelizes, labaredas que abrasam os corpos e tornam cinza, ave ou flor os corações. Por isso o Bom Cantor gostava de contar.

A sua vocação era aquela, e não a poesia. O Bom Cantor cantava mal; mas, quando se punha a desfiar histórias, todos os ouvidos se apuravam, todas as risadas cascalhavam, e havia faces que enrubesciam, de furor algumas, as outras de vergonha.⁸

¹ Publicado em *As Línguas Clássicas — Investigação e Ensino* (1993).

² *Satyri*. 83.7.

³ Não o conseguiu, por exemplo, na contenda a bordo da nau, onde a sua dialéctica foi demolida por Licas; e outros tiveram de concorrer para a almejada conciliação (104-109).

⁴ Assim o revela a história do menino de Pérgamo, narrado pelo próprio sedutor (85-87).

⁵ Na pinacoteca (90) e no balneário (92).

⁶ 84.4.

⁷ 99.1.

⁸ 113.1-2.

Foi o que sucedeu quando contou a história da matrona de Éfeso. O Bom Cantor estava embarcado. A nau pairava no alto mar, adormentada nos braços da bonança. Tinha havido uma ameaça de refrega a bordo, mas o bom senso triunfara: tripulação e passageiros resolveram sentar-se à mesa da concórdia.⁹ Sob o esplendor do céu imareado, cantavam uns, pescavam outros, todos se davam à alegria.¹⁰ E para que a alegria não fosse isenta de malícia, o Bom Cantor pôs-se a mofar da leviandade das mulheres. Era uma pecha que, em sua opinião, até nas mais pudicas se aninhava. Não ia recorrer às tragédias antigas nem a nomes ilustres do passado: bastava-lhe referir um caso ocorrido no seu tempo. Queriam escutar?¹¹

Logo todos os olhos, todas as faces, todos os ouvidos se grudaram à voz do Bom Cantor. E ele principiou assim:

111.1. *Matrona quaedam Ephesi tam notae erat pudicitiae, ut uicinarum quoque gentium feminas ad spectaculum sui euocaret.*

2. *Haec ergo cum uirum extulisset, non contenta uulgari more funus passis prosequi crinibus aut nudatum pectus in conspectu frequentiae plangere, in conditorium etiam prosecuta est defunctum, positumque in hypogaeo Graeco more corpus custodire ac flere totis noctibus diebusque coepit.*

3. *Sic adflicentem se ac mortem inedia persequentem non parentes potuerunt abducere, non propinqui; magistratus ultimo repulsi abierunt, complorataque singularis exempli femina ab omnibus quintum iam diem sine alimento trahebat.*

4. *Adsidebat aegrae fidissima ancilla simulque et lacrimas commodabat lugenti et quotiens defecerat positum in monumento lumen renouabat.*

5. *Vna igitur in tota ciuitate fabula erat; solum illud adfulsisse uerum pudicitiae amorisque exemplum omnis ordinis homines confitebantur.*

111.1. “Havia em Éfeso¹² certa matrona tão famosa pela sua castidade que até das regiões vizinhas atraía mulheres desejosas de contemplar o espectáculo da sua virtude.

2. A dita matrona, realmente, quando levou a enterrar o marido, não se contentou, segundo a prática generalizada, em seguir, de cabelos em desalinho, o cortejo fúnebre ou em ferir, perante os olhares da multidão, o peito desnudado — mas até na sepultura acompanhou o defunto. E quando o corpo, à maneira grega, foi depositado no hipogeu, começou a velá-lo e a carpi-lo noites e dias inteiros.

⁹ 109.5.

¹⁰ 109.6.

¹¹ 110.6-8.

¹² Menos provável a ligação de *Ephesi* a *matrona*, já que, neste caso, se esperaria, de preferência, *Ephesia*.

3. E de tal jeito se desolava e buscava a morte pela fome que nem os pais conseguiram levá-la dali, nem os parentes mais chegados; por último, os magistrados, repelidos, acabaram por se ir embora. E por todos era pranteado aquele singular exemplo de mulher que já cinco dias arrastava sem tomar um alimento.

4. Sentava-se ao lado da amargurada uma escrava de grande fidelidade, que não só correspondia com as suas lágrimas ao pranto da senhora como ia renovar, sempre que se amortiçava, a lâmpada colocada no mausoléu.

5. Assim, aquele caso era o único objecto das conversas em toda a cidade; só ele refulgia como verdadeiro exemplo de castidade e amor conjugal — reconheciam os homens de todas as classes sociais.”

Os primeiros dados da história glorificam a fidelidade desta matrona sem nome (*quaedam*), por isso mais universal, que, com a sua incomparável virtude (*puđicitiae* fecha a frase que *matrona* abriu), conquista as homenagens do povo circundante. Mas o ouvinte, avisado da malícia do narrador, vai captando, à passagem, alguns sinais de desconfiança; esta matrona, que por definição deveria ser modelo de dignidade, mora em Éfeso, bem conhecida como cidade de prazer e dissolução; esta matrona, que deveria ser exemplo de recato, dá espectáculo de si às mulheres que a vêm admirar (e que não primariam por igual virtude); esta matrona tende para um exasperado exibicionismo, já que lhe não bastam, como expressão de desgosto, as lágrimas, os cabelos em desalinho, as pancadas no peito desnudado (uma nota insidiosa?): segue o morto na sepultura, repele a família e os magistrados, e parece disposta, com aquele jejum desmesurado, a partilhar a sorte do defunto. Admite apenas a companhia de uma escrava fiel, que associa as suas lágrimas às da senhora (da qual constitui perfeito desdobramento) e mantém acesa, no jazigo, a luz alertadora. Cinco actantes estão já presentes nesta abertura da história: a matrona, a escrava, o corpo do finado, o túmulo com a sua luz e o elemento coral, o povo, deslumbrado — em todo o intróito — com aquela atitude de fidelidade e castidade sem paralelo. Falta apenas o sexto actante e comparecerá sem demora para reanimar um entrecho elanguescente: é o soldado.

E continuou o Bom Cantor:

111.5 (cont.) *Cum interim imperator prouvinciae latrones iussit crucibus adfigi secundam illam casulam, in qua recens cadauer matrona deftebat.*

6. *Proxima ergo nocte, cum miles, qui cruces adseruabat, ne quis ad sepultaram corpus detraheret, notasset sibi lumen inter monumenta clarius fulgem et gemitum lugentis audisset, uitio gentis humanae concupiit scire quis aut quid faceret.*

7. *Descendit igitur in conditorium, uisaeque pulcherrima muliere primo quasi quodam monstro infernisque imaginibus turbatus substitit.* 8. *Deinde ut et corpus iacentis conspexit et lacrimas considerauit faciemque unguibus sectam, ratus scilicet id quod erat, desiderium*

extincti non posse feminam pati, attulit in monumentum cenulam suam coepitque hortari lugentem ne perseueraret in dolore superuacuo ac nihil profuturo gemitu pectus diduceret: omnium eundem esse exitum et idem domicilium, et cetera quibus exulceratae mentes ad sanitatem reuocantur. 9. At illa ignota consolatione percussa lacerauit uehementius pectus ruptosque crines super corpus iacentis imposuit.

111.5 (cont.). “Vai senão quando o governador da província mandou pregar na cruz uns ladrões, à beira da capela sepulcral em que a matrona chorava um cadáver ainda fresco.

6. Ora, na noite seguinte, um soldado, que estava de guarda às cruzes, para ninguém retirar os corpos e dar-lhes sepultura, reparou na lâmpada que brilhava intensamente no meio dos jazigos e ouviu os gemidos da lacrimosa. Levado pelo defeito que é próprio da natureza humana, quis saber quem era ou o que fazia.

7. Desceu, por isso, à sepultura e, quando viu uma mulher de grande beleza, no primeiro instante parou, impressionado, como se estivesse diante de um fantasma ou de aparições infernais. 8. Depois, quando viu o cadáver e reparou nas lágrimas e no rosto lacerado pelas unhas, entendeu, claro está, o que se passava — era uma mulher que não podia suportar a saudade do extinto. Trouxe para o mausoléu o seu jantarinho e começou a exortar a lacrimosa a que não teimasse em uma dor inútil e não trespassasse o peito com gemidos que de nada serviam: todos temos o mesmo fim e a mesma morada; e os demais argumentos com que se chamam à razão os corações ulcerados. 9. Mas ela, excitada com a consolação do desconhecido, rasgava o peito com maior desespero e depositava sobre o cadáver os cabelos arrancados.”

Por momentos se passa do interior do sepulcro, onde a viúva chora a sua dor inconsolada, para o ar livre de um terreiro, onde um soldado guarda os corpos de ladrões crucificados. A luz alertadora (breve será alcoviteira) e os gemidos da matrona despertam a curiosidade do soldado, que abandona o seu posto e a sua missão para descer ao jazigo. Só então se diz (a princípio interessava apenas a virtude) que a viúva era muito bela: tão bela que resistia aos estragos de cinco dias de fome, clausura, gemidos e lacerações. O soldado fica estarrecido (será um espectro?), mas logo se recompõe à vista do cadáver e das manifestações de dor da matrona. Como homem prático que é, corre a buscar o seu jantarinho (a modesta *cenula* em contraste com a grandeza do *monumentum!*) e tenta restituir à vida quem se engolfava nos abismos da morte. Mas a tentativa de *consolatio* (em que se contêm alfinetadas a Séneca) não resulta, antes provoca uma nova cena teatral: a matrona renova no interior do jazigo o espectáculo de desolação que já dera na rua.

tutelares aparecem que é mais fácil encontrar um deus do que um homem.»¹¹ Mas Encólpio não queria pagar, no frescor dos anos, por aquilo que considerava uma afoiteza da mocidade. Preferia obedecer à ordem que, certa noite, lhe deu uma aparição: «Abandona a tua terra e demanda praias estrangeiras, / meu rapaz: mais gloriosa é a aventura que para ti vai nascer. / Não te deixes abater pela desgraça: há-de conhecer-te o Histro remoto, / o Bóreas regelado e os reinos tranquilos de Canopo, / e os que vêem Febo renascer, depois do seu ocaso. / Mais famoso seja o Ítaco que desça às areias do mundo exterior.»¹²

O mundo exterior?... Mas Encólpio era o homem do charco interior, assim convidado a revestir o papel de Ulisses, o homem do mar largo, talhado para afrontar as ondas e os perigos. Por isso, Encólpio será o anti-herói de uma odisseia paródica; não terá como perseguidor o grande deus Neptuno, senhor das tempestades, mas o pequeno deus Priapo, mandante dos remoinhos carnis insatisfeitos.

Era relaxada a vigilância que os Massilienses exerciam em torno do bode expiatório: Encólpio fugiu sem grande dificuldade. Fugiu — e, a partir daquela hora, a sua vida sofre uma aceleração tal que só por alusões avulsas ou referências mais ou menos truncadas nos textos conservados se podem fazer conjecturas, muitas vezes discutíveis. O barco em que se acoitara naufragou,¹³ e o jovem foi arremessado para uma praia indeterminada de Itália: acaso para uma cidade lígure ou campana, vizinha de Nápoles. Encólpio foi acolhido, com intenções desonestas, por um rico armador, Licas de nome, o qual dera guarida, também, a uma formosa dama-cortesã, Trifena, banida pelos seus escândalos sexuais.¹⁴ Ora Trifena era acompanhada de um efebo de grande beleza, Gíton, que ela tratava como seu favorito.¹⁵ Encólpio, bissexual como sucedia amiúde entre os intelectuais do tempo (e ele trazia da escola umas tinturas de retórica), apaixonou-se loucamente por Gíton; o efebo correspondeu-lhe com aparente ardor. A atmosfera que se respirava em casa do armador era de franca libertinagem: mas Licas e Trifena opuseram-se, decerto por ciúmes, à ligação Encólpio — Gíton. Ora o ‘Mimalho’ de sua mãe, que se cuidava ardiloso e irresistível, quando era apenas delirante e arrebatado, tentou uma diversão: seduziu a mulher de Licas e atraiu-a a uma viagem de recreio no navio do armador.¹⁶ Não contente com a proeza, ainda roubou o manto e

¹¹ *Sat.* 17.5.

¹² *Sat.* frg. 44.

¹³ *Ibidem* 81.3. mas é insegura a posição cronológica deste primeiro naufrágio, que Encólpio coloca (sem preocupação de ordem?) depois do terramoto. (A partir desta nota, como todas as citações são tomadas do *Satyricon*, supprime-se a indicação *ibidem*).

¹⁴ 108.5; cf. 113.11.

¹⁵ 105.5-9; cf. 113.1.

¹⁶ 106.2 e 113.3.

o sistro de Ísis, que serviam de tutela protectora do navio.¹⁷ Qual fosse a sua secreta intenção, não sabemos – mas observamos como Encólpio se enreda mais uma vez (e não será a última) no mundo temível da religião.

O duplo desacato enfureceu Licas; contudo Encólpio, forte com a adesão de Gíton, enfrentou o armador e publicamente o acusou e ultrajou, bem como a Trifena.¹⁸ Licas, desesperado, recorreu à justiça, que condenou Gíton ao ergástulo e Encólpio ao mester de gladiador.¹⁹ A sentença, para um ‘Mimalho’ sem força nem resistência, equivalia à morte. Mas ainda desta vez a Fortuna lhe acudiu: um terremoto desmoronou a escola-prisão dos gladiadores e libertou, ao mesmo tempo, Encólpio da arena e Gíton da luxúria dos outros carcerados.²⁰

O novo refúgio dos dois foragidos será a vila de Licurgo, que ali vivia com o seu liberto Ascilto, outro sobredotado como Encólpio.²¹ Licurgo e Ascilto sentem-se imediatamente atraídos pela beleza de Gíton: mas Licurgo, senhor da casa, não encobre os seus desejos, enquanto Ascilto, ardente mas calculista, prefere ensaiar uma camaradagem assaz libertina de estudante com o recém-chegado.²² Ora as tentativas a descoberto de Licurgo enfureceram o ‘Mimalho’, que, tal como uma criança grande, habituada à exclusividade do brinquedo, resolveu liquidar, acto contínuo, o seu perigoso rival. Sem coragem para enfrentar Licurgo à luz do dia, assaltou-o cobardemente durante a noite, porventura no sono, e deixou-o ferido de morte.²³ Cegueira da paixão? Brutalidade haurida na sua breve passagem pela escola de gladiadores? O certo é que, não saciado por um crime inominável contra a hospitalidade, Encólpio ainda participou, de gorra com Gíton e Ascilto, na pilhagem da vila do assassinado.²⁴ As moedas de ouro que encontraram foram escondidas na orla de uma capa velha que traziam.²⁵

Condenados à fuga, a Fortuna entrou de lhes mostrar a face reticente. Depois de atravessarem uma cripta,²⁶ a caminho da *urbs Graeca* mais próxima, os três aventureiros embatem em um templo subterrâneo, dedicado a Priapo, e a que só as mulheres tinham acesso.²⁷ A tentação da impiedade acometia

¹⁷ 113.3 e 114.5. o nome da deusa egipícia não figura na parte conservada do romance, mas o seu atributo de protectora da navegação e o adjunto do sistro não deixam dúvidas quanto à identificação.

¹⁸ 106.2-4, cf.113.1-2.

¹⁹ 81.3-5; cf. 9.8.

²⁰ 81.3 e 5; 9.9.

²¹ 92.8-11.

²² 9.9.

²³ 9.9, 130.2; cf. 83.6.

²⁴ 117.3; cf. 12.2.

²⁵ 13.1-3.

²⁶ Fig. 17 (colocação apenas verosímil); mas cf. 16.3 e 17.8.

²⁷ 17.9.

Encólpio mais uma vez. Acobertando-se o melhor que podiam, apoderaram-se de um manto rico e vistoso que ali estava a desafiar a sua penúria.²⁸ Foram logo perseguidos; e, no decurso da fuga, perderam a capa das moedas de ouro. Apenas lhes restavam agora uns cobses de pouco valor: arrendaram quarto em uma locanda humilde e, resignados àquela vida de expedientes, logo saíram na mira de arranjar um convite para jantar. Gíton ficou em casa, a preparar um mísero desjejum, enquanto Encólpio e Ascilto se adentravam em uma escola de retórica, presidida por dois irmãos, Agamémnon e Menelau. Mais apetrechado que Ascilto, Encólpio brilhou no ataque à educação do seu tempo²⁹ e em um desmarcado elogio a Agamémnon.³⁰ O convite foi alcançado³¹ e aprazado para dali a três dias; mas, no regresso atribulado a casa, Encólpio descobriu que Ascilto, entretanto escapado, era o «terzo incomodo» que lhe disputava Gíton. «Se armas em Lucrécia, encontre um Tarquínio.»³²

Nesta vida de pícaros sem recursos, as reconciliações de conveniência são frequentes. Feitas as pazes, resolveram, como forma de sobrevivência, vender, em feira nocturna, o manto custoso que tinham roubado no santuário de Priapo. Aproxima-se um camponês, que trazia ao ombro a capa perdida pelos aventureiros, e começa a reclamar a propriedade do manto. Depois de uma cómica querela, os jovens trocam a veste de aparato pela capa esfarrapada, que ainda conservava as moedas cerzidas na orla.³³ Vitória assinalável, se lhes não irrompesse pelo quarto da locanda a sacerdotisa de Priapo cujo santuário tinham violado. Em pranto desfeito, depois com risadas histéricas, Quartila reclama, como compensação do sacrilégio, três dias de orgia, um por cada um dos transgressores.³⁴ A punição seria deleitável, se, à força de exigências, a bacanal não degenerasse em dolorosa punição. Assim a luxúria entremostra, aos três aventureiros, a face da crueldade e da frustração.

Como um oásis lhes aparece, por isso, ao cabo dos três dias, o convite para o jantar em casa de Trimalquião,³⁵ um novo-rico suficientemente poderoso para enfrentar as ameaças do exterior. Mas a casa do hóspede revela-se um tremendo labirinto,³⁶ onde o Minotauro devora, com as suas surpresas e extravagâncias, o encéfalo dos convivas. E estranha-se, por sinal, a atitude de Encólpio durante o festim (até porque contrasta, às vezes, com a dos companheiros,

²⁸ 14.5-6.

²⁹ 1-2.

³⁰ 10.2 (a informação é de Ascilto, já que o texto de elogio de Encólpio a Agamémnon — também poeta? — não figura nos excertos conservados).

³¹ 26.7-10.

³² 9.5-7.

³³ 13.1-3.

³⁴ 17-18.

³⁵ 26.8-9.

³⁶ 73.1.

mais desenvoltos): quem suportara tantos perigos e adversidades, comporta-se agora como um ser timorato, assustado com a pintura realista de um cão no pavimento³⁷ ou a entrada solene de um conviva inesperado,³⁸ perplexo com a charada de alguns pratos e os sucessivos golpes de cena do anfitrião,³⁹ turbado pelas histórias sobrenaturais,⁴⁰ quebrantado pela singularidade de uma casa de onde se não sai pela mesma porta por onde se entrou.⁴¹ É surpreendente a vulnerabilidade de um sacrílego, de um homicida, sobressaltado desta sorte pelos crimes que cometera. Encólpio não é um criminoso de raiz, mas um impulsivo, traído pela leviandade, fruto da inexperiência. Dir-se-ia que tem abertas, pela sensibilidade malsã mas não perversa, as portas do conhecimento.

O alarme falso de um incêndio permitiu-lhes escapar da casa de Trimalquião⁴² e regressar à locanda. Mas quando Encólpio descobre, pela manhã, que Ascilto, embriagado, puxara Gíton para o seu leito, intimamente a deserção imediata do grupo que traíra. Feita a repartição escrupulosa dos bens remanescentes, Ascilto bradou por sua vez: «Dividamos também o garoto.»⁴³ E, perante o pasmo desolado de Encólpio, Gíton, sem hesitar, escolheu Ascilto.⁴⁴ Refugiado sozinho à beira-mar — como Aquiles (paródia iliádica) depois da privação de Briseida —, o ‘Mimalho’ decide, ao terceiro dia, trespassar os dois traidores com a sua espada. Mas um *grassator* nocturno, arvorado em militar, obriga-o a entregar a arma⁴⁵ — e Encólpio, intimamente agradecido a quem o salvava de um novo crime, vai espaiar-se nas mágoas para uma galeria de pintura.⁴⁶ Ali se lhe dirige um velho poeta, de medíocre roupagem e caudalosa inspiração, interrompido à pedrada, sempre que ousava recitar os seus versos.⁴⁷ O recém-chegado dava pelo nome de Eumolpo, o ‘Bom Cantor’, e conservava, a despeito da avançada idade, uma disposição vivaz e concupiscente. No primeiro balneário que abordaram, Encólpio descobriu, isolado, Gíton, que cedo se desencantara com as brutalidades do novel amante.⁴⁸ O trio reconstituiu-se, mas o «terzo incomodo» passou a ser Eumolpo, já preparado para celebrar em verso a beleza de Gíton.⁴⁹

³⁷ 29.1-2.

³⁸ 65.3-5.

³⁹ Por exemplo: 30.5-6, 31.4-7, 33.3-8, 34.4-5, 36.1-8, 41.1-5, 47.10-13, 54, 59, 60.7, 69-70, 72.

⁴⁰ 61-64.2.

⁴¹ 72.10.

⁴² 78.7-8.

⁴³ 79.12.

⁴⁴ 80.1-6.

⁴⁵ 82.4.

⁴⁶ 83.1.

⁴⁷ 90.1-6, 92.6.

⁴⁸ 91.1-2.

⁴⁹ 94.1-2.

Novas querelas se seguiram, como a encenação burlesca de um duplo suicídio,⁵⁰ até que, para se esquivarem das autoridades, Encólpio e Gíton decidem embarcar com Eumolpo, que seguia para o sul. Mas não lhes foram propícias as estrelas que, naquela hora, brilhavam sobre a nave: já no alto mar, descobrem que o barco pertencia ao inimigo roaz, Licas, e que o proprietário, com Trifena, estava a bordo. Queda sobre coice. Ainda discutem, com Eumolpo, expedientes precários de salvação; mas acabam por ser descobertos. Valeu-lhes a retórica especiosa do Bom Cantor, que conseguiu restabelecer a concórdia no navio. E foram dias animados até o desencadear-se, irremissível, de uma tremenda tempestade, que arrebatou Licas e destruiu o barco. Enquanto os mais — à parte Eumolpo, mergulhado no remate de um poema — buscavam a salvação na costa próxima, os dois amantes, amarrados um ao outro, trocavam beijos e esperavam a morte próxima e a piedade de um transeunte que simbolicamente os recobrisse de areia. Mas o trio salvou-se e Encólpio chorou sobre o corpo do inimigo arrojado a seus pés, outrora poderoso e agora dependente da cremação por mãos estranhas. «Se bem fizeres as contas» — reflectia Encólpio —, «por toda a parte nos espera um naufrágio.»⁵¹ O quadro apresenta muitas pinceladas histriónicas: mas soa verdadeira, porque vivida, a emoção do anti-herói.

Daquele porto de abrigo partiram para o interior. Assim atingem Crotona, descrita, por um viandante, como uma cidade habitada apenas por duas categorias de pessoas: os cadáveres e os corvos. Os cadáveres eram os ricos velhos e achados, com os pés para a cova; os corvos, aqueles que os cobriam de benesses, na mira de herdarem os seus bens.⁵² Eumolpo alinhou logo entre os cadáveres: era um grande proprietário em África, perdera recentemente o filho único e sofrera agora um naufrágio, estimado em vinte milhões. Mas jaziam, na pátria, propriedades no valor de trinta milhões; e aqueles que acompanhavam o seu alquebrado senhor eram apenas escravos de confiança.⁵³ A falácia do Bom Cantor agradou em cheio aos caçadores de heranças, que uns aos outros se disputaram a honra de hospedarem em sua casa o nobre recém-chegado e proverem a todas as suas necessidades;⁵⁴ os falsos servos quinhoavam, bem entendido, da munificência dos corvos.

Abençoados pela sorte, os anti-heróis passam a levar vida benditosa. Curiosamente, apenas Encólpio se inquieta e se pergunta, várias vezes, quanto tempo vai durar aquele sorriso da Fortuna. Se algum dos caçadores de heranças se lembrasse de enviar um explorador a África... o embuste seria descoberto

⁵⁰ 94.8-15.

⁵¹ 115.17.

⁵² 116.

⁵³ 117.1-10.

⁵⁴ 124.4.

e retomada a fuga para lugar incerto.⁵⁵ Encólpio teme porque a experiência o escarmentou. Mas a debilidade estrutural não basta para trilhar, sozinho, a rota da salvação.

Para sublinhar a sua identificação com Ulisses, Encólpio tinha adoptado o nome de Polieno; e exhibia, na cidade, certos alardes de sedutor que se quer remunerado: cabeleira ondulada, face luzente de cosméticos, olhar langoroso e passos compassados e bem medidos.⁵⁶ Uma beldade da terra, que o nome de Circe associava à gesta odisseica, recorreu à sua graciosa escravinha, Crísis, ‘Réstia de Ouro’, para enternecer o coração, aparentemente mercenário, do tentador. E Crísis fala com tal habilidade que parece ela a enamorada de Polieno; mas logo esclarece que, se a patroa prefere os escravos, a serve só se digna aceitar a corte dos cavaleiros.⁵⁷ Paradoxo forçado, como a sequência vai demonstrar: não deixa de ser singular que Crísis nunca louve a beleza de Circe, mesmo quando instada a fazê-lo;⁵⁸ e chega a ser chicoteada por culpa do anti-herói.⁵⁹

Percorrendo uma alameda de plátanos, ladeada por um templo de Vénus, Encólpio depara com uma mulher deslumbrante, como outra não conhecera depois de Dóris.⁶⁰ O prelúdio amoroso decorre em perfeito entendimento: mas, na hora da verdade, Priapo intervém para o castigar com a impotência.⁶¹ Segunda tentativa, três dias depois, e segundo fracasso. Circe, desesperada, manda açoitar Polieno, cuspi-lo por toda a criadagem e expulsá-lo dos seus domínios.⁶² De conforto não valem ao castigado as invectivas, de sabor odisseico, dirigidas às *partes peccantes*.⁶³ E até as tentativas de cura, executadas por duas feiticeiras, desfecham em novo sacrilégio. Atacado por um bando de gansos, Encólpio-Polieno mata a ave-comandante, dedicada a Priapo.⁶⁴

Era tempo de romper aquela rede gravosa e insustentável. Como? Encólpio recorre a um deus maior, a quem Priapo devia acatamento: Mercúrio itifálico, invocado para curar deficiências de tal peso. A prece, recitada por Encólpio sob a forma de um hino clético,⁶⁵ é escutada pelo companheiro de Baco e das Ninfas. O imprecante parte radioso e restituído à sua virilidade.⁶⁶

⁵⁵ 125.

⁵⁶ 126.1-2.

⁵⁷ 126.5-10.

⁵⁸ 128.3-4.

⁵⁹ 132.5.

⁶⁰ 126.13-18 e 127.1.

⁶¹ 128.1-2.

⁶² 132.2-5.

⁶³ 132.6-11.

⁶⁴ 136.4-5.

⁶⁵ 133.3. Na parte final (truncada) do *Satyricon* que chegou até nós, observam-se erros manifestos de colocação de capítulos e de parágrafos.

⁶⁶ 140.12-13.

Outra notícia risonha o aguardava. Crísis, conhecida a verdadeira identidade de Encólpio, estava decidida a segui-lo até ao fim do mundo, ainda que fosse à custa da sua própria vida.⁶⁷ E, mal o encontra, estreita-o ardentemente ao peito para afirmar: «Nos meus braços te tenho, como esperava: a ti, meu amor, a ti, meu prazer. Nunca poderás apagar em mim este fogo, se o não extinguíres no meu próprio sangue.»⁶⁸ Palavras que Encólpio nunca ouvira até àquela hora. Palavras de paixão. Palavras de compromisso. Palavras acaso de redenção — se Petrónio (ou a Fortuna) o consentirem.

Por agora, o sangue exangue recobra a seu vigor. O ‘Mimalho’ de sua mãe reconstrói-se em homem. Por mercê de uma Réstia de Ouro — Crísis pousada em seu coração.

⁶⁷ 138.5.

⁶⁸ 139.4. Ciaffi (cit. n. 3) traduz *tu desiderium meum, tu voluptas mea* por: «Tu sei il mio ideale, tu sei il mio amore.» (p. 127). Singular vibração para um sisudo especialista de Petrónio!

Por isso altero aquela imagem obsidiante: Juliano mergulha a mão na ferida e lança o seu sangue ao céu. Mas não é um grito de revolta: é um pacto de salvação: «Aceita, Senhor, o meu sangue: e dá-me o Teu, para que eu alcance a redenção.»

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Foi decisiva, para a elaboração deste artigo, a leitura de G. W. Bowersock, *Julian, the Apostate*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1978 (1997), onde o leitor encontrará a indicação das fontes e bibliografia actualizada sobre o tema. O autor é severo com Juliano: talvez o livro ganhasse com um aproveitamento maior da correspondência do biografado. Reconhecemos que o juízo de Bowersock, preocupado com a estrita objectividade, influenciou muitas vezes o nosso: mas estamos abertos à compreensão de um homem realmente sofredor.

OS OMBROS DO CIRENEU VERBO E ESTRATÉGIA NO LANCE DE ÍPERUÍ¹

Há cidades, secretas cidades, que modelam as almas como o escultor a greda das estátuas. Secreto é segredo: e o segredo, a poesia. Uma rua, uma casa, o rio mais além, as grades de um jardim. E uma estrela, às vezes — como dizia Palazzeschi —, a espreitar na ponta de um cipreste. Com a tremulina do luar sobre as águas.

Coimbra tem esta secreta influência. E uma guitarra, um entremez, o canto do roussinol, uma capa de estudante cingida em cada esquina. E a atmosfera granulada, azul, ouro, verde, o aroma das ameixieiras e das glicínias que se respira na escalada, fadigosa, da acrópole.

Por isso Nóbrega e Anchieta — Manuel e José diremos por vezes — se conheciam, se entendiam, se afeiçoaram antes de se encontrarem, pela primeira vez, no Brasil. Tinham sido ambos estudantes de Coimbra: Manuel, um ano apenas, porquanto já trazia cânones de Salamanca; José, quase cinco, com o noviciado da Companhia de Jesus. Verdade seja que a cidade, no tempo de José, tinha mudado um pouco, sem quebra da poesia: enobrecida com o Colégio das Artes, a população estudantil crescera muito. E tinham crescido, naturalmente, as tentações. José pagou, na sazão da flor, o arremesso das lobas esfaimadas: «Já furtaram ao moleiro/ o pelote domingueiro»; Manuel não se confessa, mas pode ser sintomático o encarniçamento, que vem da mocidade, em flagelar adúlteros e amancebados. E em ambos se revela, espontâneo, o amor da natureza salutífera: em Manuel, que será do Norte verdejante, como em José, que nasceu na ilha mais luxuriante do arquipélago. Memórias renovadas — quem sabe? — do frescor das ínsuas, dos sineirais, dos campos saudosos do Mondego. E ambos conservam, na canseira e no risco das missões, aquele espírito gaio, desenvolto, álcere do estudante coimbrão, ao mesmo tempo compassivo e confiante, que se exprime também no amor do canto, da música instrumental, das representações, que ambos justamente compreendem quanto são úteis para lavar cristandade entre os gentios. Coimbra não tem culpa, mas ambos trazem, curiosamente, um defeito físico evidente: Manuel é gago; José, corcunda. Sem que tal pecha quebrante o fervor e a eficácia do seu apostolado

¹ Publicado em José Ribeiro Ferreira (coord.), *A Retórica Greco-Latina e a sua Perenidade* (Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 2000), vol. II, pp. 519-526. Actas do Congresso realizado em Coimbra, nos dias 11-14 de março de 1997.

no Brasil: de vinte e um anos e meio, para Nóbrega; de quarenta e quatro, para Anchieta. O exemplo, aliás, vinha de cima: coxo, mas infatigável, era Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus.

As dissemelhanças, no entanto, entre Nóbrega e Anchieta, eram profundas: e decorriam quer da posição de Manuel — superior, depois primeiro provincial do Brasil —, enquanto José completara apenas o biénio do noviciado; quer da diferença de idade que os separava: tinha José dezanove anos quando chegou à Baía, com o segundo governador-geral, Duarte de Sá; e contava Nóbrega mais de trinta e um, quando veio com o primeiro, Tomé de Sousa, e mais de trinta e cinco, quando recebe Anchieta e os companheiros na capitania de São Vicente. De um lado, a experiência de Nóbrega, iniciada no Velho Mundo e potenciada na Terra de Santa Cruz, com uma obra notável de civilização e protecção dos índios, tão desassomburada que o levou a afastar-se do bispo do Brasil, que ele próprio invocara; do outro, a insipiência natural de Anchieta recém-chegado, que, no entanto, apesar de doente, se mostrara, na viagem, um válido amparo de enfermos e desalentados. Manuel era decidido, pertinaz, directo, avesso às temporizações da incúria e do temor, embora dúctil nas negociações e caritativo no trato com os inferiores e com os indígenas; José era tímido, manso de coração, não raro perplexo, convicto apenas da sua grande fé: queria servir, o melhor que soubesse, o melhor que pudesse, com todas as forças da sua alma e do seu corpo, aquela terra que Nóbrega dizia (e ele concordava) ser «a melhor do mundo».

E a ocasião surgiu, bem depressa: os olhos do superior estavam pousados em um planalto, acessível por mar, o campo de Piratininga, mais saudável que São Vicente para os estudos, mais propício para uma evangelização de largos voos, na direcção do sul e do interior. A trilha dos Tupis, a partir da costa, era uma estropeada de piso íngreme e agreste, que foi necessário, por vezes, trepar com a ajuda de cipós. Mas a 25 de janeiro do ano do Senhor de 1554, «em uma casa pobrezinha e muito pequena», feita de barro de paus, coberta de palha, e mais que sobrelotada, «no dia da conversão de São Paulo apóstolo», a primeira missa se celebrou, de inauguração do novo colégio. O colégio de onde irradiou a acção de Anchieta, missionário de missionários, professor que ensina o latim necessário à obtenção das ordens sacras e, a breve trecho, mercê da sua extraordinária vocação linguística, o tupi, indispensável para rasgar os caminhos de um apostolado eficaz. Tudo em condições inenarráveis de carência, quase sem dormir para escrever as lições, quase sem descansar para se prover da lenha que permitisse resistir ao frio. E rodeado de inimigos, que faziam muitas vítimas entre portugueses e índios convertidos.

A situação agravou-se, quando os franceses de Villegaignon, apoiados pelos Tamoios, se fortificaram na baía de Guanabara e pretendem fazer do Rio a capital de uma “França antártica”. Nóbrega, com chagas nas pernas e vômitos de sangue (o médico falava de «veia quebrada», no peito ou na cabeça), dizia-se a caminho da sepultura. Mas recompôs-se com a chegada do novo governador, Mem de Sá, e declarava: «Já não quero morrer.» E esteve, com Anchieta, na tomada do poderoso forte Coligny, estranhamente abandonado pelo inimigo no segundo dia de combate. E todos declaravam que era prodígio da Graça, impetrada e alcançada pelos dois religiosos.

Mas o transe maior de suas vidas, que havia de uni-las para sempre, ocorreu três anos depois, em 1563. Perante os ataques incessantes dos Tamoios, mancomunados com os Franceses, às fazendas do litoral e do campo de São Paulo; perante as tergiversações dos Tupis, amigos dos Portugueses, mas de incerta lealdade nas horas adversas; perante repetidas traições de alguns brancos, que ultrajavam compromissos assumidos com os índios — Nóbrega resolveu concretizar a operação de extremo risco em que há tempos meditava: dar-se como refém aos Tamoios, para assegurar uma paz duradoura entre os naturais e os Portugueses. Manuel, e quem o acompanhava como língua (o eleito foi obviamente José), não tinham a menor dúvida de que iam lançar-se entre os colmilhos da morte: os Tamoios eram canibais, volúveis por natureza, e andavam açulados pelos Franceses e pelos erros dos colonos. Mas era a forma de sondar a própria vontade divina: oferecer o óbolo pequenino de suas vidas em troca do ouro vivo que seria o esforço sinérgico de três povos na construção dos alicerces de uma civilização brasílica.

Loucura da Cruz! Despedem-se deles os irmãos como quem os sabe a caminho do martírio. Serranias de horror, praias de pesadelo: assim as descreve, pela imaginação, o cronista da Companhia. Mas, a princípio, a acolhida dos Tamoios não foi hostil. Apenas desembarcados, houve quem reconhecesse e abonasse o provincial e o seu acompanhante. Manuel e José anunciam que vem tratar de paz e amizade; e acrescentam (fazia parte da estratégia) que Deus concederia aos Tamoios saúde, bens abundantes e a vitória sobre os seus inimigos. Doze moços tamoios embarcam como reféns; e os dois missionários são agasalhados na casa de um chefe. Depois, vêm outros — dádiva de hospitalidade — oferecer aos missionários as suas filhas e irmãs; e pasmam da recusa. Como pode um homem viver sem mulher? Mostram as disciplinas que traziam, falam dos jejuns que servem para amordaçar a carne. E essa renúncia, essa abstinência, a Deus, que aproveitavam? Era cumprimento de um voto, condição de acesso à Graça santificante. Não entendiam — mas ganhavam respeito aos dois missionários, que assim puderam evangelizar crianças e adultos, resolver querelas de família, acudir a enfermos abandonados de seus

bruxos. Verbo e estratégia ganhavam terreno: e já os tamoios de Iperuí diziam que Manuel e José eram pajés maiores que os das tribos; não os molestassem, pois eles tinham poder para gerar pestilência, cegueira, câmaras de sangue.

Mas breve — por culpa do gentio que vinha do sul e estava inquinado pelos Franceses — esta admiração, esta concórdia se toldaram. Começaram a amiudar-se os «tragos de morte» de que fala Anchieta. Entre os contrários, o simples nome de “português” causava ranger de dentes e desembainhar da espada. De uma vez, foi o chefe local, Pindobuçu, o ‘Palma Grande’, quem salvou os reféns da ira de um genro afrancesado; de outra, o genovês Adorno, amigo secreto dos Portugueses, quem amansou o terrível Aimbiré, o ‘Besta Brava’, apostado em quebrar as pazes e a nuca dos missionários. Exigiam os Tamoios a entrega de alguns tupis cristãos de quem se queriam vingar: tentou Anchieta explicar que a mesma lealdade com que ali tratavam as pazes a tinham de usar com os tupis aliados; mas as ameaças só abrandaram quando Adorno, instruído por Anchieta, mudou de estratégia: para obterem a entrega dos tupis, os missionários não tinham poder; era necessário requerê-la aos superiores. E logo Nóbrega advertiu as autoridades portuguesas que não satisfizessem a exigência, ainda que tal recusa significasse a morte dos reféns.

Mas o passo mais tremendo havia de ocorrer dias depois, véspera de Corpus Christi. Estavam Nóbrega e Anchieta na orla da praia, quando viram aproximar-se, a largas remadas, vinda dos lados do Rio de Janeiro, uma canoa içada de tamoios. Temendo as disposições que trariam, resolveram os dois missionários abrigar-se, à pressa, em casa de Pindobuçu. Mas a morada do chefe ficava no topo de áspera colina, separada da praia por um largo ribeiro, em que a água dava pela cintura. Mais velho e enfraquecido, trôpego e ofegante, de chagas nas pernas, Manuel fraquejou à passagem da corrente. Com abnegação, José o tomou nos ombros; mas as suas pobres costas, «desencadernadas» (como dizia ele), cederam ao peso; e o provincial, compadecido, resvalou em cheio para a água. Já os tamoios os acoassavam de perto, com seus gritos medonhos de guerra, quando os fugitivos, encharcados, se acoitaram na floresta; Nóbrega despojou-se da roupeta e das botas; e, a muito custo, com a ajuda de um nativo da aldeia, o arrastaram até à casa de Pindobuçu. Mas o Palma Grande tinha-se ausentado para outra aldeia; e o capitão da canoa, que era seu filho, vinha com a firme disposição de matar os reféns. Quando os tamoios entraram, de olhos chamejantes, estavam já os dois religiosos a rezar as vésperas de Corpus Christi. Nóbrega adoptou a estratégia do silêncio, continuou a ler o seu breviário, enquanto Anchieta respondia, mansa e sobriamente, às injunções furiosas do contrário, que, com trinta companheiros, os ameaçava de espada desembainhada. Até que o tamoio, abalado com a serenidade de Nóbrega e as razões de Anchieta, saiu com o bando e confessava: «Eu vinha a fazer isto e aquilo; mas, quando entrei a ver os padres e lhes falei, caiu-me o coração e

fiquei todo mudado e fraco. E pois eu os não matei, que vinha tão furioso, já ninguém os há de matar, por mais que tenha esse espírito e vontade.»

Com a salvação dos missionários se alegrou muito o gentio de Iperuí, que se afeiçoara aos dois reféns; mas os desventurados tiveram de assistir, em aldeia vizinha, a uma festa onde as beberrias e comezainas incluíram, como iguaria de eleição, a canela de um escravo dos brancos: e os tamoios — informa Anchieta — «roíam nela como perros».

A notícia, algo prematura, de pazes entre Portugueses, Tamoios e Tupis determinou a ida de um bergantim a Iperuí, para recolher os dois reféns: mas só Nóbrega, que fazia muita falta às negociações em São Vicente, foi autorizado a partir. Ficava Anchieta entre os canibais; e os dois amigos separaram-se com lágrimas de consternação. José de boamente se oferecia ao martírio, que a Providência lhe negou. Várias vezes teve a clava dos inimigos suspensa sobre a cabeça («Podem matar-me, que eu direi sempre a verdade»); e várias vezes lhe anunciaram a data da sua execução («Farta-te deste sol, que tal dia, tal hora, te viremos matar») — ao que José invariavelmente respondia: «Não vêm, porque ainda não concluí o meu poema.»

Era um longo poema em louvor da Virgem, que, na areia da praia, José de memória compunha e na memória gravava. Um poema que, se lhe salvou a vida, o salvou também das tentações da carne. Pasma o cronista da Companhia que um jovem de vinte e nove anos, sozinho e rodeado de tantas mulheres desnudas e provocantes, não tenha, por fim, soçobrado. Mas de facto não soçobrou. Valha por todos este episódio, que é também um lance de estratégia libertatória. Na escuridão da noite o chama uma voz de sereia; e, dentro da voz, está um corpo de luxúria. José não responde. A voz insiste, o corpo inflecte: «Está vivo ou está morto?» José replica: «Estou morto.» E logo o corpo se extingue, a tentadora corre, esbaforida, para a aldeia, e gritava: «Acudam, acudam! Este abaré me quer matar!» Parece uma narrativa, edificante, da Tebaida; ou o chiste, calculado, de um estudante coimbrão.

Chegou, enfim, para Anchieta, a vez de partir. E partiu, ainda que o gentio de Iperuí o quisesse reter, uns por temor, outros por amor. Partiu, quando ele próprio desejaria ficar, como mártir, naquela terra onde bebera tantos tragos de morte. A empresa fora conduzida a bom porto, graças à sinergia do verbo e da estratégia: o verbo de Anchieta, admirável conhecedor da língua (e do coração) dos índios, que, com a mansuetude do exemplo, a prática diuturna da caridade, desarmou a fereza dos inimigos; a estratégia concertada dos dois missionários, que evitou situações de ruptura e conduziu a relativo entendimento negociações de extrema delicadeza pela inconstância dos índios e os erros dos portugueses.

Quando José regressou a São Vicente, já Manuel chorava aquele que tivera de deixar entregue aos colmilhos dos canibais: e foi comovedor o abraço na alegria da salvação. Os dois amigos voltaram a encontrar-se na armada

de Estácio de Sá, que desferiu novo golpe aos Franceses e Tamoios do Rio, e fundou, em 1565, a nova cidade. Decorridos já doze anos de apostolado, José recebeu, na Baía, a almejada ordenação sacerdotal (1566). Presidiu à cerimónia o segundo bispo do Brasil, Pedro Leitão, que fora seu condiscípulo em Coimbra e que de Anchieta afirmava: «A Companhia, no Brasil, é um anel de ouro; e o padre Anchieta, a sua pedra preciosa.» Com outro coimbrão se encontrou Anchieta no ano seguinte: o novo visitador Inácio de Azevedo, que era irmão da Companhia desde 1548 — o ano, saudoso, em que José chegara aos campos do Mondego. Um homem (diz o historiador António Franco) que tinha, «além de grande espírito, um modo tão feiticeiro que a todos enleava os afectos». Mas Inácio de Azevedo morreu mártir dos calvinistas, em 1570, no mar das Canárias, que tinham visto nascer Anchieta. Era a desforra brutal dos inimigos pelo sonho esfumado da “França antártica”.

No mesmo ano se apagou o padre Nóbrega, quando era nomeado, pela segunda vez, provincial do Brasil, em substituição de Inácio martirizado. Manuel estava no Rio: e dois dias antes do seu aniversário, andou a despedir-se de todos os amigos. «Mas não há nenhum navio no porto» — estranhavam os visitados. «À nossa pátria, à nossa pátria é que eu vou. A minha ida, irmãos, é para o céu.» E para o céu partiu, realmente, grato ao Senhor que o chamava a Si no dia dos seus cinquenta e três anos.

José teve de esperar mais vinte e sete anos: de trabalhos, sofrimentos, tribulações — e também alegrias por deixar engrandecido o seu Brasil. O seu Brasil, «a terra melhor do mundo», como dizia Nóbrega, e ele repetia. Mas ao contrário do amigo, veio morrer, humildemente, como humilde fora a sua vida, na aldeia de Reritiba, que hoje tem o nome de Anchieta. E à beira do fim, conservava ainda, como Nóbrega, aquele humor jucundo, coimbrão, que os irmanava. E até versejou para divertir o enfermeiro: «Vi-me agora num espelho/ e comecei de dizer:/ ‘Corcós, toma bom conselho/ e fazes bom aparelho,/ porque cedo hás-de morrer’./ Mas justamente com ver/ o beijo um pouco vermelho,/ disse: ‘Fracos estás e velho:/ mas pode ser que Deus quer/ que vivas para conselho».

José Corcós, para conselho, para exemplo viveste e viverás da pobre humanidade flébil e egoísta. Doente toda a vida, a tua divisa era: «Trabalha, trabalha, que breve te curas.» Com trémula mão ainda escreveste, na cama, o auto da Visitação («Parto-me, sem me partir/ de Vós, Mãe minha e Senhora,/ confiado em que na hora/ em que tenho que morrer, sereis minha visitadora.») E cambaleante, semiânime, ainda te levantaste — e logo caíste, como Cristo sob o madeiro, quando pretendias acudir, com o remédio, a um enfermo vizinho.

«Não pesa, não pesa!» — bradavam os índios que lhe levavam o esquife. Pois como havia de pesar aquela sombra elísea e desencarnada que tanto se

verde, um lago com a sua coroa de bosques, uma cascata mais alva que a neve!...

O poeta, ébrio de paixão, toma-lhe repentinamente as mãos, estende os lábios para a beijar:

— Como é bela e fresca! Parece a água que corre, a água que mata a sede! Sinto o amor que jorra das suas veias, dos seus cabelos, das suas pálpebras!...

Branca Maria recua, os dois ficam anelantes frente a frente — mas um chamamento de Ana quebra o sortilégio. A cega entra na sala do ouro e das cinzas, beija a donzela na boca, suspende-se um momento entre os dois enamorados. Depois, guiada por Branca Maria, palpa a máscara de Cassandra.

— Como é grande a sua boca! Foi a tortura da adivinhação que a dilatou. Mas Cassandra era muito bela. Que destino o seu!... De que cor seriam os seus olhos?

— Talvez negros — arrisca Branca Maria.

— Não eram negros, mas pareciam, porque as pupilas, no ardor fatídico, devoravam as íris. Mas, quando enxugava a espuma da boca, os seus olhos eram doces e tristes como duas violetas. Assim deviam ser, antes de se fecharem para sempre.

Ouve-se o grito dos falcões na tarde em fogo.

— Porque gritam os falcões?... Cassandra saberia: tinha aprendido as vozes das aves.

— Gritam de alegria — responde a jovem, quase sem sentir.

— Ontem morreu um, aos meus pés, abatido pelo guarda. Uma rosa de sangue, que ainda tentava bicar-me.

Quando Leonardo volta, a cega pede a Branca Maria que a conduza à fonte Perseia.

— Venho de lá — confirma o irmão. — Ao pôr-do-sol, o perfume dos mirtos extasia. Hoje, quando matei a sede, parecia dissolvido na água, como uma essência.

Os dois homens ficam sós. E olham as montanhas que são puras e elevam a Deus as preces dos homens. Dos homens que imploram água para a terra sequiosa.

Alexandre aproxima-se do amigo; quer obrigá-lo a falar. Há dois anos que Leonardo se fechou naquela cidade morta, a escavar a terra, a respirar as exalações assassinas daqueles túmulos, curvado sobre o horror do mais trágico destino... Como pôde resistir, sem enlouquecer? Parece um homem envenenado...

— Sim, eu estou envenenado. Agora é preciso partir, para onde haja águas, bosques, terras verdes...

— E Branca Maria?...

Branca Maria também, que está oprimida, que chora por ele, que pensa que o irmão não tem por ela a ternura de outrora...

Leonardo começa a tremer. Mas é uma coisa terrível!... Só poderá falar oculto na sombra. Alexandre sabe que não há mulheres na sua vida: que só vibrou com a beleza das estátuas que desenterrava. Branca Maria foi tudo na sua vida: e a vida de ambos foi pura como uma oração. Quanto tempo viveram sós, sós e felizes como duas crianças!... Até que um dia de inverno lúcido e límpido como um diamante, reentra em casa, vê a irmã adormecida junto à lareira, com o rosto afogueado pela chama e os pés desnudos expostos ao calor. Vê e sorri. Mas, quando sorri, um pensamento túbido insinua-se, cresce, torna-se monstruoso, dominador, invade o sangue, contamina a alma. E, a sós com a irmã, naquela casa luminosa, começa a luta com o monstro. Uma luta sem quartel, noite e dia, em cada hora, em cada instante, ainda mais atroz quando a doce criatura se inclina para o mal que o consome. E é tudo vão: o trabalho furioso, o cansaço brutal, o atordoamento do sol e do pó, a ânsia dos sinais que a terra oferece. Fecha os olhos quando a vê aproximar-se: e as pálpebras sobre os olhos são fogo sobre fogo. E então as noites, as noites!... Ouvia o seu respirar tranquilo, no quarto ao lado. E as horas morriam umas sobre as outras; e vinha a alba, o torpor, os sonhos infames... E logo um acordar desesperado, com toda a carne contraída pelo horror, sem saber se era sonho ou a torpe realidade do crime.

O poeta, sufocado por aquela revelação monstruosa, grita:

— Cala-te! Cala-te!

Dá uns passos para o balcão, mergulha a fronte nas estrelas. Depois volta junto do amigo acabrunhado, pousa-lhe ao de leve a mão na cabeça. Leonardo ergue-se — e os dois contemplam, lado a lado, os fogos acesos na noite. Uma noite muito calma e pura.

A noite, palpitante de estrelas, que a cega não vê. Mas sopros de vento trazem-lhe o aroma dos mirtos. Há pouco, na fonte Perseia, era a paz absoluta. As duas mulheres não diziam uma palavra. Só a fonte ria e chorava.

— Já reparaste, Ama, na voz daquela fonte?

— A água diz sempre o mesmo.

— Não, aquela dizia muitas coisas, que me persuadiram. Persuadiram-me a fazer o que é necessário. A água boa, a água pura, a água que vem do fundo... Quero ir para longe, para muito longe. E, neste cantinho, não vou precisar de me apoiar a ti, pobre Ama. Nos meus olhos há-de fazer-se a luz.

— Porque me falas assim? Porque me abraças assim?...

— Porque tu és a minha primeira e a minha última ternura. Guiaste os meus passos em criança, guias os meus passos na escuridão. Se eu tivesse, ao menos, um filho, o filho que ele queria!... Mas o Deus que me fez cega, também me fez estéril. Para pagar uma culpa... Que culpa?... Como morreu minha mãe?

— Foi uma febre, uma grande febre, que a levou em uma noite.

— Não foi uma febre. Eu era criança, tinha os olhos pesados de sono, quando ela veio despedir-se de mim. Senti os seus beijos, as suas lágrimas. Pareceu-me que desfolhava sobre mim as pétalas de rosa que eu tinha desfolhado no tanque do jardim. Depois, nunca mais a vi... De manhã, vieste buscar-me: levaste-me para outra casa, onde toda a gente estava pálida e falava baixinho. E nunca mais me deixaste aproximar do tanque.

A Ama nega, por negar, sem força. E a cega fala do vento, que passa como um rio perfumado. Na fonte, o aroma dos mirtos era tão forte que Branca Maria quase desmaiava.

— Mas porque falas tanto dessa fonte?

— Porque é a única coisa viva neste lugar de morte. Se não existisse, todos morreríamos de sede.

— Este é um lugar maldito do Senhor. Saem as procissões, mas não cai uma gota de água.

Entra Leonardo, hesitante: vê-se que chorou. A Ama sai. Os dois encaminham-se para o balcão.

— Está uma noite tão clara que se distinguem todas as pedras da muralha, na cidade morta.

Chama-lhe cidade morta, mas, para ele, deve ter uma vida extraordinária.

— Não, está bem morta. Já deu tudo o que me poderia dar. Os cinco túmulos são cinco bocas vazias.

— Podem ter fome outra vez... Está a olhar para as estrelas?

— Para olhar para as estrelas é preciso ter os olhos puros.

A cega entende, julga entender o porquê daquele sofrimento. E pede a Leonardo, que encare a verdade. Ela, Ana, é a causa de tudo. Não prive a irmã do seu afecto. Que culpa tem Branca Maria do desejo de viver que arde no seu sangue? Que culpa tem de amar? Aquele rosto bate como um pulso agitado. Ainda há pouco, entre o ouro e as cinzas, ela falava da morte de um falcão: e havia na sua voz o frémito de mil asas. Como pode Leonardo pedir-lhe que consuma a vida num sacrifício ao amor fraterno? A ela que foi feita para dar e receber alegria?...

Leonardo escuta, encostado a uma coluna, e o seu rosto exprime uma angústia mortal.

— E ele... — prossegue Ana, mas a voz extingue-se-lhe por momentos.

— Ele como poderia não a amar? Branca Maria é a encarnação viva do seu sonho: a Vitória invocada que há-de coroar a sua vida. Eu sou uma dor inerte, uma cadeia pesada, um vínculo intolerável. Já tenho um pé na sombra: basta um passo, um passo bem pequeno – para desaparecer.

Leonardo aproxima-se, de mãos regeladas e olhar ardente.

— Ana, está bem certa de que ele a ama, de que ela o ama? Está bem certa desse amor?... Não diga nada a Alexandre. Amanhã, amanhã, virei falar: consigo.

A cega fica perplexa: terá cometido um erro? Ainda grita: Leonardo!... – mas o jovem fugiu pela escada mais próxima. E é Branca Maria, uma Branca Maria inquieta que lhe responde: estava a dispor as jóias de Cassandra, o vento apagou a lâmpada, ouviu aquele chamamento... tem medo. A cega tranquiliza-a: não há primavera que faça reflorir uma planta ferida na raiz; em breve, muito em breve, tudo se resolverá.

— Mas nada de irreparável aconteceu. Quando Ana entrou na sala do ouro e das cinzas, sentiu que os meus lábios estavam puros. E puros hão-de continuar.

— Não jures, não jures: não peques contra a vida. Senti que os teus lábios estavam puros: puros como o fogo. Mas senti também que duas vidas se olhavam fixamente através da minha dor imóvel como através de um cristal destinado a quebrar-se.

Agora tem sede: gostava de beber numa fonte, como os animais. Alexandre bebeu um dia assim... Branca Maria já experimentou?

— Eu bebo sempre assim. Parece que toda a face bebe. Os cílios palpitam debaixo de água como borboletas que estão para se afogar.

— Devem ser felizes as estátuas das fontes: ouvem as vozes da água e da rocha, as palavras dos sábios e dos poetas... E são cegas como eu.

Branca Maria tenta a leitura de Ésquilo e de Sófocles: mas as palavras são muito tristes. A cega vai deitar-se. A donzela fica à espera do irmão — e chora.

Mas Leonardo só regressou, extenuado, ao romper do da alva. A irmã apareceu-lhe como um fantasma, ao levantar-se do degrau em que passara a noite; e ele gritou de pavor. Agora, no crepúsculo, o seu delírio lúcido é o de um homem que tomou a resolução extrema: Branca Maria tem de morrer. O abismo, rasgou-se o abismo entre dois seres que formavam uma vida só.

E se ele, ao vê-la, visse a irmã sagrada de outrora?... Mas está tudo contaminado. Como fazer, como fazer?... E que sede horrenda, a sua!... Pois é, a fonte Perseia...

A irmã vem disposta a sacrificar-se. A seguiu-o, sem um lamento, para onde ele quiser.

— Mas depressa: amanhã. Se hesitares, a culpa do que suceder será tua.

— Então ama-lo perdidamente? E ele a ti?...

Branca Maria oculta o rosto entre as mãos, para não responder.

— Tu és pura, não é verdade, irmã?... E pura hás-de continuar.

— Quero viver só para ti. Diz-me o que temos de fazer.

— Dir-to-ei fora daqui: vamos à fonte Perseia?...

Podiam ir... Mas em que estava a pensar? Em nada... Naquela pele de serpente que encontraram ao subir à acrópole.

Saem apressados, de mãos dadas, quando se abre a porta de Ana.

— Branca Maria! Leonardo! Onde vão?...

Ninguém responde. A Ama traz a informação: vão à fonte Perseia. E, pouco depois, regressa Alexandre. Atrasou-se com a poeira: sopra em vento do deserto. Agora a noite desce como cinza infamada.

Ana agarra o braço do marido.

— Estou inquieta. Penso naqueles dois, na fonte...

— Porquê? — exclama o poeta, angustiado. — Tu sabes daquela coisa horrível? Tu penetraste o seu segredo?...

— Mas que segredo?!... Só quis consolá-lo, sacudir da sua alma aquele rancor injusto contra a irmã. Branca Maria não tem culpa de amar e de ser amada. Falei-lhe dela, falei-lhe de ti, dei-lhe alguma esperança...

— Mas ele já sabia?... Não é possível!...

— Então não sabia?... Não sabia?... — repete a cega, aterrada.

— Por isso me perguntava: «Mas está bem certa? Bem certa?...» Por isso fugiu e só tornou ao amanhecer!

— E agora estão os dois na fonte...

Precipita-se para a escada, enquanto Ana grita:

— Alexandre! Alexandre!... Estou só... Ah, Senhor, dá-me a luz!

Desce também as escadas, guiada pelo sopro quente do vento, e desaparece na escuridão.

A caminho da fonte.

Mas, à fonte, a morte chegou primeiro.

O cadáver de Branca Maria jaz à beira de um tufo de mirtos. Os cabelos, cheios de água, em volta do rosto; os braços colados aos flancos; os pés unidos como os das estátuas jacentes. Alexandre, sentado numa pedra, de cotovelos fincados nos joelhos, contempla, fixo e imóvel, a morta. Do lado oposto, Leonardo ficou de pé, encostado a uma rocha, e as suas mãos, convulsas e desesperadas, agarram-se, como as de um naufrago, ao escolho do sorvedouro. Na solidão da noite, só a voz da água e o sopro do vento.

De súbito, Leonardo desprende-se da rocha e, ajoelhando, curva-se para a morta. Então Alexandre solta um brado imperioso:

— Não lhe toques! Não lhe toques!

Leonardo endireita-se e olha o cadáver. Um olhar de dor e de amor. A voz é rouca e lacerante:

— Achas que a profanaria?... Mas agora eu sou puro. Se ela se levantasse, poderia caminhar sobre a minha alma como sobre a neve imaculada. Nenhum amor é igual ao meu. Quem faria por ela o que eu fiz?... Quis salvá-la do horror. Nem tu sabes a bondade e a beleza que havia naquela alma! De manhã, todos os sopros da primavera a atravessavam e faziam florir; ao anoitecer, juntava nas

suas mãos as coisas mais belas do dia e dava-mas, como se dá o pão. Há pouco, quando se inclinou para beber...

Soluça, agitado pelo tremor. Alexandre quer acudir-lhe: não pode.

— Quando o primeiro gole de água lhe passou na garganta, senti que ela bebia do meu coração, que naquele gole passava toda a minha dor, toda a minha vergonha... Mas a morte carregava sobre mim com os seus joelhos de ferro. Mil séculos... um instante... Aquele rosto já não batia como um pulso agitado. Quando lhe abaixei as pálpebras sobre os olhos, uma flor sobre outra flor... toda a mancha desapareceu da minha alma, todo o amor de outrora regressou à minha alma, como uma torrente de luz. É outra graça que ela me concede através da morte. Matei-a para a poder amar como a amava, matei-a para que tu a pudesses amar sem crueldade nem remorso. Agora é perfeita e divina e adorada... Minha irmã, minha irmã!

Alexandre não consegue resistir àquele grito: vem pousar a mão na fronte do amigo. E Leonardo inclina-se de novo para a morta:

— Deixa que eu beije os seus pés, os seus pezinhos... Um dia, ela estava na praia, sentada na areia... E sonhava os seus sonhos mais belos e envolvia nas tranças os seus pés flexíveis como duas folhas macias... E o mar dormia à sua frente, como uma criança inerte... Ah, aquele dia maldito, diante do lume!... Perdão, perdão!

As mãos convulsas escondem o rosto. Mas, neste momento, Alexandre estremece. Passos, passos na vereda! É preciso ocultar a morta na espessura dos mirtos. Mas, apenas a soerguem, logo a soltam, petrificados pelo grito de Ana:

— Branca Maria!... Branca Maria!...

A cega aparece entre as rochas, sozinha e cambaleante. Avança naquela direcção, chamando. Vai tropeçar no cadáver, quando Alexandre brada:

— Pára, Ana, pára!

Mas Ana sentiu o corpo inerte junto aos pés. Curva-se, palpa o rosto, os cabelos banhados na água de morte, E exala toda a sua alma noutra grito:

— Ah!... Vejo! vejo!

Tudo começou na cidade do fogo; tudo acabou na água de uma fonte. Tudo acabou... Ou tudo começa de novo?

A água venceu o fogo. O super-homem dos túmulos, o super-homem do desejo, foram derrotados. Leonardo, Alexandre (dois nomes de irrisão, afinal) perderam um a irmã, outro a mulher que amavam. Ana teve o prémio da sua abnegação: recuperou a luz, para ver — o que não queria ver.

Mas a vitória da água é transitória. Leonardo ilude-se ao falar de pureza e redenção: ao beijar os pés da irmã, recorda aquele dia maldito, diante do lume... E sente necessidade de pedir perdão.

O fogo não morreu. A cidade morta não morreu. As bocas dos seus túmulos vão ter fome outra vez.

INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR

A presente comunicação foi apresentada ao congresso «O amor desde a Antiguidade Clássica» (Coimbra: Faculdade de Letras: 31 de março – 1 de abril de 1992) com as seguintes palavras de abertura:

Cidades mortas. Paisagens desoladas. Aromas capitosos. Músicas inefáveis. Amores proibidos... Vale a pena reviver, no desencanto do nosso tempo, esta poética decadente?...

Talvez. Quando o clássico resgata o decadente; quando a vida luta contra a morte; quando a tragédia retalha, não o adereço, mas a própria carne do coração humano.

Escrita há quase cem anos (1896), *La città morta* de Gabriele D'Annunzio, tragédia em cinco actos e em prosa, reflecte as emoções de uma viagem à Grécia e o impacto causado pelas escavações de Schliemann (1876) na acrópole de Micenas, «rica de ouro».

O opulento recheio dos cinco túmulos encontrados (o sexto só foi descoberto um ano depois) levou o explorador alemão a relacioná-los com a dinastia dos Atridas («Eu vi a face de Agamémnon» — dizia um telegrama enviado ao Kaiser). Menos eufórica é a cronologia estabelecida pelos arqueólogos do nosso tempo: mas a máscara de ouro, dita “de Agamémnon”, continua a atrair a deslumbrada atenção dos visitantes na grande sala de abertura do Museu Nacional de Atenas.

A viagem de D'Annunzio e as escavações de Schliemann explicam suficientemente a génese de *La città morta*: entretanto o poeta preferiu, no romance posterior *Il fuoco* (1900), encontrar a linha melódica da tragédia em uma tarde tempestuosa de Veneza. É esse encontro-reencontro que evoca o nosso texto inicial, onde o «Mestre do Fogo» (Stèlio Èffrena, o protagonista) representa uma clara projecção do próprio D'Annunzio.

As citações dannunzianas (regra geral, abreviadas e, em raros casos, filtradas pela sensibilidade do autor da comunicação), quer de *Il fuoco*, quer de *La città morta*, são feitas a partir das edições Oscar Mondadori (1967, 1989; 1975), que reproduzem fielmente, com introdução, cronologia e bibliografia, o texto da edição publicada nos *Classici Italiani Contemporanei* por Egidio Bianchetti (*Tutte le opere di G. d'A.*, Milano, Mondadori, 1939-1950).